



LA CARRETELA DEL VIN: IDENTIDADE E PERFORMANCE NUMA MANIFESTAÇÃO DE ITALODESCENDENTES NUMA CIDADE DO INTERIOR CAPIXABA

Gladson Pereira da Cunha*

Resumo – O presente artigo é uma descrição e análise de caráter antropológico de um momento de uma festa folclórica, denominada "Festa do Imigrante Italiano", que acontece na cidade de Santa Teresa, no Estado do Espírito Santo, uma antiga colônia de imigração italiana. Procura-se, neste texto, descrever os elementos formadores de uma identidade étnica que funciona como motivadora de todos os festejos, bem como de uma cosmovisão, que contribui para a continuidade de elementos culturais oriundos da Itália. Ao mesmo tempo, pretende-se fazer uma análise antropológica da *performance* presente no último dia da festa, no desfile carnalizado de *La Carretela del Vin*, que é uma narrativa alegórica da conquista e manutenção da ordem atual.

Palavras-chave: drama social, *performance*, italianidade, festa, etnia.

INTRODUÇÃO

"*Bom forno a tutti fratelli i sorellas!*" Foi com essa saudação que deu início o momento mais esperado da XIX Festa do Imigrante Italiano de Santa Teresa, no Estado do Espírito Santo: *La Carretela del Vin*. Este artigo tem o objetivo de descrever e analisar a dinâmica da identidade e da *performance* que ocorre no contexto individual e coletivo da sociedade teresense, formada, em grande parte, por descendentes de imigrantes italianos que se dirigiram para a região serrana do Espírito Santo, em meados do século XIX.

A proposta deste ensaio é fazer, por meio de duas abordagens que soam complementares – a "descrição densa" geertziana e a antropologia da *performance* turneriana –, uma análise interpretativa daquilo que vem a ser essa manifestação "cultural", chamada *La Carretela*. Por meio da *descrição densa* de Geertz (2003), deseja-se justamente estratificar a estrutura social dos pomeranos capixabas, procurando aquilo que é importante dentro dos contextos que envolvem os ritos anteriormente pontuados, na tentativa de buscar aquilo que

* Mestre em Ciências da Religião e bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Especialista em Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

é socialmente relevante e importante para o grupo; na metáfora de Ryle, usada por Geertz (2003), discernindo os tiques das piscadelas burlescas.

Afinal de contas, um drama social não se expressa apenas nos momentos negativos e de conflitos, por assim dizer, mas também em momentos carnavalizados, nas festas e celebrações da alegria de um grupo, nas quais todas as estruturas sociais sofrem um *breach*, uma ruptura ou quebra, permitindo que aqueles que participam da festa assumam um novo ou ainda que se abandone qualquer *status* social. Turner (1987) também se inspirou em suas leituras das tragédias gregas para concretizar sua conceituação de *drama*; dessas leituras, ele observou o seguinte desencadeamento:

1. ruptura (*breach*);
2. crise e intensificação da crise;
3. ação reparadora (*redressive action*); e
4. desfecho, que se manifesta como solução harmonizadora ou reconhecimento de cisão irreparável.

No *drama social* que ocorre simultaneamente aos ritos e com os ritos, toda a sociedade tem seus papéis suprimidos, numa ruptura dos padrões estruturados e, momentaneamente, reestruturados numa realidade extraordinária. É nesse estado *liminar* em que a sociedade se encontra que o indivíduo se torna um ser ambíguo – sagrado e profano, puro e imundo, mágico e não mágico – de modo que não apenas o indivíduo e a sociedade se encontram num estágio crítico de sua existência, mas também o espaço e o tempo sofrem a ação perturbadora do *limem*. Nesse ponto, é possível tornar operacional o conceito de "estratificação da estrutura de significação" de Geertz (2003, p. 4), porquanto, nesse momento, se torna possível distinguir cada estrato apresentado na trama cultural que envolve a humanidade e nesta encontra-se a religião.

IDENTIDADE ÉTNICA ITALIANA

Ao considerar os modelos de fixação italiana – o modelo de imigrante como mão de obra substitutiva, e o imigrante como colono de ocupação de território desabitado – por ocasião da chegada desses imigrantes ao solo brasileiro, Borges Pereira (2000, p. 31) observou que os colonos tiveram a possibilidade de reprodução de um espaço italiano, criando seus povoados e montando sua sociedade, e assim "formaram seu território étnico e o demarcaram simbolicamente, com uma toponímia que lembrava a terra de origem". Isso porque, continua o autor: "Os diferentes perfis que a italianidade assume no Brasil [são] diretamente decalcados em dinâmicas culturais e sociais largamente engendradas, por sua vez, em modelos ou sistemas de fixação dos italianos em Território Nacional" (PEREIRA, 2000, p. 28).

É justamente essa a situação de Santa Teresa, uma ex-colônia de povoamento, que demarcou os limites simbólicos e toponímicos de sua identidade étnica – *Nova Lombardia*, o vale do *Caravaggio*, ou ainda *Nova Valsugana* –, e construiu seu casario nos padrões trentinos, como bem observou Sandra Gasparini (2008). No revirar dos baús, as fotos, os documentos e livros e outros tantos materiais começam a brotar, trazendo à luz esses ideais. Na visita à casa da *nona* – é muito comum entre os teresenses referir-se às avós como *nonas*, ainda que essa seja a única expressão que se saiba em italiano –, começa-se a perceber que existe algum diferente entre “nós” e os “outros”. Essa busca por uma identidade como grupo distinto, isto é, uma etnia que “possui [...] membros que se identifica e é identificado [sic] por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo” (NARROL apud BARTH, 1998, p. 189-190), ganha força e cristaliza-se na mentalidade do grupo, como um modo de preservação daquilo que o senso comum chama de cultura ancestral, como se ela pudesse morrer por meio de alterações, de modificações ou perda de detalhes.

É nesse sentido que Clifford Geertz (2003) chama a atenção do pesquisador não para o que as pessoas são, mas para aquilo que pensam que são. Não é estranho ouvir afirmações ou interrogações do tipo: “Você é italiano?”

A IDENTIDADE: AQUILO QUE PENSO QUE SOU

Ao considerar o papel da etnicidade, o sociólogo Max Weber (1999, p. 267) conjecturou a importância que a ideia de pertencimento étnico possuiria para os indivíduos de uma sociedade, um valor que extrapolaria questões temporais. Para Weber (1999, p. 270):

A crença na afinidade de origem – seja ela objetivamente fundada ou não – pode ter consequências importantes particularmente para a formação de comunidades políticas. [...] Nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.

O uso das cores

Um dos níveis mais evocativos de sentimentos são as cores. Elas traduzem de forma visual aquilo que foi devidamente acomodado nas emoções das pessoas ou dos grupos. Como demonstram Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 275, grifo nosso):

O primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento, cosmológico, psicológico, místico, etc. As interpretações podem variar. O vermelho, por exemplo, recebe diversas significações

conforme as culturas. *As cores permanecem, no entanto, sempre e sobretudo como fundamentos do pensamento simbólico.*

Se as cores "permanecem como fundamentos do pensamento simbólico", como visto na citação, não é estranho à Festa do Imigrante Italiano que as cores sejam aquelas que remetem o participante a um estado mental do tipo *não-estou-mais-no-Brasil*, dada a concentração do *tricolore italiano*: verde, branco e vermelho. Toda a cidade, então, entra nessa onda das cores da bandeira italiana. Prédios públicos, casas, lojas, instituições bancárias, todos se rendem à "italianidade" e às suas cores. Na verdade, nem mesmo a matriz católica da cidade deixou de receber as cores *d'Italia* – embora, de alguma forma, a Igreja Católica não seja italiana, mas *vaticana*, quanto à sede, e universal, como religião; contudo, há uma inter-relação entre os Estados no imaginário italo-teresense, e ser "italiano" significa ser católico; mas isso seria assunto para outro ensaio. Por ora, o que precisa ser compreendido é que as cores italianas tornam-se os primeiros elementos marcadores da identidade que se podem observar nos dias que antecipam os preparativos para a festa.

Talvez um complicador ainda maior, na Festa de 2010, tenha sido a coincidência com a Copa do Mundo da Fifa, uma das poucas épocas em que o brasileiro se atreve a combinar o verde e o amarelo, numa afirmação daquilo que, no senso comum, é conhecido como pátria de chuteiras. Talvez por isso, e somente por isso, foi possível ver na cidade uma mescla do *tricolore* e do verde e amarelo; por certo, afora esse caso, permaneceria apenas o *tricolore*, porquanto era uma festa italiana.

As cores são simbólicas – a internet está cheia de explicações –, mas não é interesse deste texto explorar o significado objetivo das cores italianas; entretanto, qual o significado subjetivo para o italo-descendente; isto é, elas são simbólicas da pátria distante ou idealizada, da pátria abandonada de seus avós para a filiação à nova nação. Cores tradicionais, sim, mas que também permanecerão nos armários dos teresenses até a próxima Festa, outra manifestação cultural à italiana, uma vez que, fora desse momento liminar da história teresense, todos são brasileiros, e não é de bom tom usar as cores de outro país, que não o seu próprio. Além do mais, soa caricato aos olhos daqueles que, no universo cotidiano, se veem com tais manifestações, tornando-se mais que simbólico, mas alegórico num sentido bem carnavalesco, uma fantasia e nada mais.

Algo que chama a atenção é que nem sempre as cores da Itália são consideradas e exclusivas. Conquanto seja um momento "carnavalizado", a ideia é remontar uma imagem típica – usando o termo platônico arquetípico – de uma realidade desconhecida. Para muitos daqueles que desfilam, o importante não é a fidelidade estrita ao simbolismo itálico, mas a composição de uma personagem. Uma personagem que não pode faltar é a princesa da festa. Um momento de escolher entre as belas moças da cidade aquelas que representariam a beleza *italiana* e também seriam as porta-vozes da Festa – bem diferente do Quasimodo,

de Victor Hugo, o rei dos tolos, em *O corcunda de Notre-Dame* –, a beleza e simpatia contam muito, bem como a indumentária. No entanto, o simbolismo das cores pode sofrer adulterações, no mínimo curiosas. Um exemplo disso foi o fato de uma das ex-princesas da *Festa* portar uma caneca da *Oktoberfest*, que estava presa por uma alça nas cores da bandeira alemã – *preto, vermelho e amarelo*.

Mesmo que a pessoa envolvida esteja encenando um papel típico, isto é, trajada com roupas consideradas típicas ou ideais, o que necessariamente não precisa corresponder a todos os elementos da vestimenta real do imigrante, seria necessário que houvesse no mínimo certa coerência em relação ao que se veste e ao simbolismo das cores. Conforme Grosseti (1982, p. 11), um dos grandes elementos motivadores para a imigração dos italianos que formaram a colônia de Santa Teresa foi justamente a ação opressora de grupos germânicos no Tretino. Isso seria uma espécie de "profanação" de toda a história e dos sentimentos evocados pelo *tricolore*. Nessa confusão, tal situação passa despercebida, mas não menos plena de significado. Cores falam, mas é preciso saber o que elas falam, como todo discurso simbólico.

A língua italiana

A língua italiana é compreendida por grande parte dos habitantes do município, contudo sem se constituir num segundo idioma, como ocorre no município vizinho de Santa Maria de Jetibá, onde a língua pomerana assim se constitui oficialmente (CUNHA, 2012)¹. No entanto, ela está presente em vários momentos das festividades do imigrante italiano. Mas qual seria a função do idioma italiano num momento lúdico como essa *Festa*?

A questão da língua é elucidativa: a língua de um povo é um sistema simbólico que organiza sua percepção de mundo, e é também um diferenciador por excelência: não é a toa que movimentos separatistas enfatizam dialetos e os governos nacionais combatem o polilinguismo dentro de suas fronteiras. No entanto, a língua é difícil de conservar na diáspora por muitas gerações [...] (CUNHA, 2009, p. 237).

Como outro elemento simbólico, a língua tem a capacidade de impor os limites ou as fronteiras da etnicidade. Nesse caso, o idioma italiano funcionaria como um "toque de Midas", que parece ter o poder de transubstanciar para o étnico quaisquer elementos que se

1 - A cidade vizinha de Santa Maria de Jetibá é desdobramento da antiga colônia de Santa Leopoldina, majoritariamente formada por pomeranos, naquele tempo, ainda parte do império prussiano, portanto considerados "germânicos". Por várias questões, de ordem geográfica, ideológica, linguística e religiosa, esse grupo manteve no Brasil, durante um século e meio, o uso do dialeto usado na terra natal, o que ocorreu mais precisamente no estado do Espírito Santo. Em Santa Maria, é possível encontrar falantes do dialeto pomerano em qualquer esquina, sendo necessário ao comércio que existam falantes do pomerano, haja vista que existem indivíduos que mal falam o português.

deseja transformar. Seria também uma lembrança auditiva, porquanto, para a "língua é difícil de conservar na diáspora por muitas gerações", como afirmou acima Manuela Carneiro da Cunha (2009, p. 237). Não deixa de ser, portanto, uma tentativa de permanência do linguajar dos primeiros imigrantes². Como já foi dito, o italiano não é um segundo idioma utilizado na comunicação em Santa Teresa. Mas ele não deixa de estar presente na *Festa*, em expressões – "*Andiamo mangiare!*", "*Buona sera!*", "*Buona notte!*" –, assim por diante. Não é incomum observar pequenos círculos em que a língua italiana é utilizada em conversas, durante a *Festa*, como foi possível observar. Contudo, são situações muito pontuais, não generalizadas, mas parece se tornar um modo de preservação.

Outros modos mais dinâmicos de apresentação da língua italiana podem, no entanto, ser mais bem observados, como numa celebração da missa em italiano e nas músicas que são cantadas na *Festa*, especialmente na *Carretela*.

Na religiosidade

O catolicismo romano é a religião predominante em Santa Teresa, mantendo a proporção brasileira. Obviamente, isso tem raízes na própria imigração; não que os imigrantes italianos tenham trazido para o Brasil o catolicismo, o qual chegou concomitantemente às primeiras caravelas portuguesas. Entretanto, o efetivo dos imigrantes era católico, nada mais claro que a sua descendência tenha continuado a tradição religiosa.

Ao trabalhar com o tema religiosidade, Borges Pereira (2005) considera o cristianismo como o que é possível chamar de *Religião Universal*, isto é, que não se prende a uma relação subalterna a uma realidade estatal. No entanto, ela pode se tornar uma religião etnicizada, isto é, um modo de religiosidade que admite a inserção de elementos e traços culturais, os quais se tornam úteis para "reforçar e preservar a identidade étnica do grupo imigrado, sendo a religião o traço diacrítico dessa identidade" (PEREIRA, 2005, p. 106; cf. CUNHA, 2009, p. 240). Contudo, parece um tanto quanto complicado pensar no catolicismo romano de rito latino vestindo uma roupagem etnicizada. Desse modo, também é complicado afirmar que todo italiano é católico. Assim, o catolicismo não se configura como sinal diacrítico de identidade étnica, mas a língua o parece ser. O primeiro elemento tocado pela língua foi a religião.

No primeiro domingo da *Festa*, houve uma celebração festiva de uma missa, rezada em italiano. Seja qual for a lógica da realização de uma missa em italiano, percebe-se um traço de uma mentalidade artificial e idealmente construída. Deve ser lembrado aqui à época que as primeiras famílias italianas chegaram ao Brasil, em 1874, isto é, quase noventa anos antes do Concílio Vaticano II, não se celebrava a missa em italiano, mas em latim (SACROSANCTUM

2 - Por força de lei municipal, o italiano é ensinado nas redes pública e particular de ensino fundamental, com o intuito de preservação da língua italiana.

CONCILIUM, 2001, p. 49, art. 36). Até o Vaticano II, as missas não eram rezadas em língua vernácula. Eis uma diacronia. Diferentemente dos alemães e pomeranos, cuja religião luterana primava pelo uso do vernáculo – nesse caso específico, o alemão. Os italianos do Trento tinham suas missas celebradas naquele idioma que continua sendo a língua oficial do Estado do Vaticano. Mas qual seria o sentido da missa em italiano?

Evidentemente, não se trata de um saudosismo real, porquanto não apenas o uso do latim foi alterado, mas boa parte da missa romana. Nas palavras de Manuela Carneiro da Cunha (2009, p. 237), "a língua de um povo é um sistema simbólico que organiza sua percepção de mundo". Dessa forma, os promotores, os participantes, os celebrantes – em sua grande maioria, italodescendentes – percebiam-se como italianos. As questões de caráter histórico são abolidas pela *experiência* de "se sentir como os *nonos e nonas*", um recordar de um passado idealizado. Utilizando apenas a expressão turneriana, esse é um momento de "suspensão de papéis": "*non maise uno brasileiro, mais une trentino*". O grande papel exercido pela religião naquilo que tange a percepção do indivíduo em relação à realidade na qual se insere Geertz (2003, p. 89) faz que os participantes dessa missa especial assumam uma cosmovisão recriada da vida. Se para Geertz (2003, p. 89) é a religião que opera o papel de descrever o mundo e o modo de andar-se nele, nada mais interessante, então, para a entrada numa realidade italianizada, do que fazê-lo pelas portas religiosas. Soma-se a isso o papel da linguagem, que organiza o mundo italiano.

Na música

A música como expressão artística tem muito a ver com os sentimentos e as emoções, contudo, mesmo com o empenho de vários profissionais dos mais diversos campos do conhecimento, os esforços para explicar a relação entre música e emoções parecem estar longe de ter alcançado um resultado cientificamente satisfatório (PELLON, 2008, p. 1). Mesmo que cientificamente essa relação não seja de pronto explicado, não é difícil perceber seus efeitos naqueles que se encontram envolvidos pelas notas, melodias e pela poesia das letras. Isso é evidentemente forte na "Festa do Imigrante Italiano de Santa Teresa", porquanto uma festa *à la italiana* que se preze exige música italiana.

Com músicas, com andamentos diferenciados, prevalecendo o *allegro*, e letras que falam de amor, de festa e mesmo da tarefa de deixar a pátria italiana e vir para o Brasil. Dessa variação, pelo menos quatro músicas foram, por várias vezes, executadas durante a *Festa* e durante *La Carretela*: "Merica-Merica", de 1875, "Finiculi, Funicola", de 1880, "O Surdato Nnamurato (Oje vita, oje vita mia)", de 1915, "Bella Polenta", de 1919. Para se ter uma noção, tome-se como exemplo a música de "Merica-Merica"³, cuja letra fora escrita um ano após a

3 - "Merica-Merica" tornou-se oficialmente o hino oficial da imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, conforme Lei Estadual nº 12.411, de 22 de dezembro de 2005.

chegada dos primeiros imigrantes italianos a terras *brasilianas*, por Angelo Giusti (1848-1929)⁴, um imigrante italiano do sul do Brasil.

A Letra	A Tradução
<i>Dalla Italia noi siamo partiti Siamo partiti col nostro onore Trentasei giorni di macchina e vapore, e nella Merica noi siamo arriva'.</i>	Da Itália nós partimos, Partimos com a nossa honra Trinta e seis dias de trem e navio E na América chegamos
<i>Merica, Merica, Merica, cossa saràlo 'sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior.</i>	América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América, É um lindo ramalhete de flores.
<i>E alla Merica noi siamo arrivati no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno Abbiám dormito sul nudo terreno come le bestie andiam riposar.</i>	Na América nós chegamos Não encontramos nem palha e nem feno Dormimos sobre o duro terreno Como os animais, repousamos.
<i>Merica, Merica, Merica, cossa saràlo 'sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior.</i>	América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América, É um lindo ramalhete de flores.
<i>E la Merica l'è lunga e l'è larga, l'è circondata dai monti e dai piani, e con la industria dei nostri italiani abbiám formato paesi e città.</i>	A América é longa e larga É formada de montes e planícies. E com o esforço dos nossos italianos Construímos vilas e cidades.
<i>Merica, Merica, Merica, cossa saràlo 'sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior.</i>	América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América, É um lindo ramalhete de flores.

4 - Angelo Giusti faz parte da primeira geração de imigrantes da então colônia Caxias, morando no atual território de Flores da Cunha, no travessão Rondelli, à beira da estrada que vai de Flores da Cunha a Antônio Prado, onde faleceu com 81 anos, em 23 de fevereiro de 1929. Antes de sua morte, depositou um conto de réis no Banco Pelotense para serem rezadas missas em seu sufrágio, depois da morte, e elaborou também o epitáfio para seu túmulo, assim redigido: "*Qui giace Angelo Giusti, Fu poeta di poco valore. La sua anima è partita a render conto a Nostro Signore*" ["Aqui jaz Angelo Giusti, foi poeta de pouco valor. A sua alma partiu para prestar contas ao Nosso Senhor"].

Mesmo com um tom alegre e esperançoso, "Merica-Merica" aponta justamente para o desconforto causado pela imigração. Desde deixar a pátria, enfrentar dias de viagem e atracar numa terra estranha, que não os acolheu bem, todavia os tratou como animais – "Na América nós chegamos, não encontramos nem palha e nem feno, dormimos sobre o duro terreno, como os animais, repousamos" – contudo, diz Giusti, as dificuldades impostas não fizeram destruir os italianos, que construíram cidades e vilas. Além disso, edificaram e inseriram na cultura brasileira suas influências, sendo o grupo étnico, fora o núcleo básico da nacionalidade brasileira; isto é, o português, o índio e o negro, aquele que mais participou da formação da "brasilidade" (PEREIRA, 2000, p. 29).

Com suas canecas cheias de vinhos nas mãos, "italianos", ou não, se embalavam e balbuciavam nas notas melódicas como também nas notas alcoólicas, as aventuras e desventuras da imigração, as alegrias e as tristezas que, ao que parecia, a cada gole desapareciam, sendo impossível àqueles que observavam sem sequer ter ingerido uma gota do bom vinho teresense se encantar, cantar e se empolgar com a alegria das canções e da própria musicalidade empolgante da língua italiana.

Aquilo que se come... Aquilo que se bebe: polenta e vinho

Aquilo que se come e aquilo que se bebe também pode se tornar uma fronteira de identidade étnica. Durante os dias da festa, o foco alimentar está naquilo que é característico do ítalo-trentino. Nos restaurantes ligados à festa, era possível encontrar muitas iguarias dessa culinária italiana: *agnoline ao bondo* (capelete ensopado), *spagguetti*, mas nada foi mais consumido que a polenta e o vinho.

A polenta é um prato tipicamente do norte italiano, onde se localiza a região do Trento, onde o milho levado para Europa por Cristovão Colombo obteve boa aclimação, servindo como um complemento à dieta dos camponeses pobres (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 539). De acordo com Longo (apud FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 268), desde a Antiguidade clássica a polenta de espelta (*Triticum spelta*), de qualidade inferior ao trigo comum, era considerada pelos gregos como o alimento ítálico por excelência. A polenta, dentro da dieta ítalo-trentina, era um substituto do pão. Feita com farinha de diversos cereais, água, sal e cozida, não assada, era uma forma mais barata de inserção de carboidratos na rotina alimentar, especialmente com o advento do milho, que inicialmente era plantado nas hortas dos vassallos, de modo que, sobre essa produção, não incorria taxaço pelo senhor feudal ou pela igreja (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 539).

Como o milho e suas farinhas já eram conhecidos há muito tempo no Brasil entre a população branca e escrava – os africanos tinham sua versão da polenta conhecida como angu, nome mais utilizado, por exemplo, na culinária mineira, como no "frango com quiabo e angu", em geral feito sem sal ou tempero para servir de acompanhamento –, quando os imi-

grantes italianos chegaram ao Brasil, no caso em especial a Santa Teresa, a polenta não seria apenas uma opção ao pão, mas a sua substituição, porquanto a farinha de trigo era um item fora das condições financeira dos primeiros colonos.

Por sua vez, o que se bebe também deve ser considerado como marcador étnico. Pensar em bebida típica italiana é falar em vinho. Mas como produzir vinho num país tropical na segunda metade do século XIX? A história do vinho em Santa Teresa é também a história de conquista no território e sua domesticação. A substituição não poderia ser mais interessante: a jabuticaba. A jabuticabeira é uma planta tipicamente brasileira, nativa da Mata Atlântica, bioma no qual se formou a colônia de Santa Teresa. Essa foi a saída encontrada para os primeiros colonos italianos em Santa Teresa, para ter uma bebida semelhante ao vinho, a fim de aliviar as penúrias do cotidiano tropical. A semelhança da jabuticaba com a uva talvez tenha sido o elemento principal para pensar a fabricação de um fermentado à parte daquela fruta de casca rijá e polpa adocicada.

Segundo um produtor tradicional da cidade, o processo de fabricação de vinho de jabuticaba é o mesmo que o de uvas, e diferente do licor, podendo ser encontrado nas versões suave, *demi-sec* e seco, como no vinho de uvas. Nesse caso, o vinho de jabuticaba se tornava um substituto do de uvas, e também simbólico a todo o significado existente neste último. O vinho era concebido como o sangue da divindade grega Dioniso, símbolo da imortalidade e também da alegria, mito que foi transportado para a divindade romana como Baco (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 957-958). Esse conceito perdurou ao advento do cristianismo – o vinho simboliza o sangue do Cristo, é símbolo da transformação (o milagre da transformação da água em vinho) e da alegria –; de modo que, sem vinho, a vida poderia ser infeliz. Já há algum tempo, o cultivo de uvas tem movimentado a economia do município, sendo o maior produtor da fruta no Estado. A jabuticaba, no entanto, não perdeu seu *status* conseguido na conquista da terra; pelo contrário, continua tendo seu lugar na *Festa* e nas mesas dos teresenses.

É também possível perceber um leve toque de sacralidade no duo polenta e vinho. A polenta tipicamente italiana era feita a partir de cereais não panificáveis, mas baratos e que garantiam o consumo e o gasto calórico dos trabalhadores dos feudos. A polenta, nesse sentido, nada mais seria que um pão cozido. O vinho, por sua vez, desde as bacanaís, era o sangue divino. Na cristandade, o pão e o vinho são simbólicos de Jesus Cristo, a segunda pessoa da trindade cristã, que deu seu corpo e seu sangue pela salvação divina. Mesmo fora dos templos cristãos e longe das celebrações eucarísticas, é indissociável o significado religioso desses elementos.

Desse modo, é possível dizer que, em meio à *Festa*, o passado não é apenas dramatizado nas cores, no modo de falar e cantar, mas também como uma espécie de um lembrar não apenas gustativo, mas também olfativo, de uma realidade vivida ou não, que também tem

lugar na *Festa*. A criação de uma italianidade a partir desses elementos desemboca na dramatização de como essa foi construída ao longo dos anos, desde a chegada dos primeiros colonos até a sua manifestação atual.

A PERFORMANCE: A EXPERIÊNCIA DA LIMINARIDADE EM LA CARRETELA

Neste segundo momento, é mister levar a bom termo uma análise performática daquele que é o momento auge da “Festa do Imigrante Italiano”: *La Carretela del Vin* (numa tradução livre “a carreata do vinho”). Para Victor Turner (1986, p. 43), o conceito de *performance* era representativo da completude de uma *experiência*. Isso porque a experiência era na visão desse autor um momento “perigoso”, pela qual a sociedade passa até mesmo em eventos festivos, conquanto experiência e perigo tenham a mesma origem semântica (TURNER, 1986, p. 42-43; 1986b), bem como pelo fato de ela revelar muito daquilo que a própria sociedade é em sua multiplicidade de reflexos, na qual ela encontra fenômenos suprimidos pela sociedade. Uma metáfora turneriana, a do “espelho mágico”, pelo qual e sob muitos ângulos todo o grupo pode se ver em formas alteradas (TURNER, 1987, p. 22). Assim, afirma Turner (1986, p. 43): “Todavia uma experiência tal é incompleta, a menos que um de seus ‘momentos’ não seja a *performance*, isto é, um ato criativo de retrospecto, no qual aos eventos e às partes da experiência é atribuído um significado, ainda que este ‘não seja um significado’”.

Isso implica justamente que a *Carretela* é o auge e também o fim de todo um ciclo de festividade, que, mesmo que tenha continuidade após o seu término, não é mais a mesma coisa. O sentimento que se tem é que a *Festa* acaba por ali, ainda que até no dia seguinte tenha algum programa, mas poder-se-ia dizer que se trata apenas de “reagregações” finais de uma ritualística que teve início dias antes. Na *Carretela*, todos os esforços e forças são gastos, num êxtase além do alcoólico, propiciado pelo vinho distribuído gratuitamente ou comprado aqui e ali, um êxtase que se apresenta na percepção de conquista e reafirmação de qualidades que, noutros momentos, talvez não tivessem tanto valor assim. Comentando a compreensão que Victor Turner tinha acerca de momentos como esses, Dawsey (2005b, p. 4) afirmou:

A sacada de Turner foi ver como as próprias sociedades sacaneiam-se a si mesmas, brincando com o perigo, e suscitando efeitos de paralisia em relação ao fluxo da vida cotidiana. Isso através de ritos, cultos, festas, carnavais, música, dança, teatro, procissões, rebeliões e outras formas expressivas. Universos sociais e simbólicos se recriam a partir de elementos do caos.

Embora a expressão de Dawsey não seja tão acadêmica como alguns pretendiam que fosse – acho do jeito dele melhor –, uma sociedade expõe-se a si própria ao ridículo, saca-

neia-se consigo mesma, mas não para zombar, mas para ordenar-se por meio de festas que colocarão o universo social em harmonia e equilíbrio. As festas e demais formas expressivas funcionam como um modo de exorcizar os males e demônios das estruturas sociais.

Estratificação da estrutura social: os atores da festa

Como no exemplo de *estratificação da estrutura social* de Geertz (2003) – o judeu, o francês e os bereberês –, nem todos os que estão na *Festa* e, de modo mais marcante, na *Carretela* cumprem o mesmo papel, embora todos estabeleçam laços de unidade entre si. Essa estruturação social, entretanto, não deve ser pensada nas categorias marxistas de *classes sociais*; contudo, como modo de determinar quais seriam as maneiras de estar na *Carretela* ou, ainda, o discurso simbólico de cada grupo possível de ser encontrado nesses festejos, no rito alegre que ela é, sofrendo suas influências e contribuindo para a sua realização, mas sem se dar conta disso (GEERTZ, 2003). Desse modo, poder-se-ia dizer que há três grupos de indivíduos: os que se envolvem, os que observam e os que não se interessam.

No primeiro grupo, encontram-se todos aqueles que se personificam e assimilam o pertencimento à italianidade; isso inclui os grupos folclóricos, as princesas da *Festa*, os donos de vinícola, membros do *Circolo Tretino* de Santa Teresa ou apenas moradores da cidade que desejam desfilar. Não importa. Na carnavalidade da *Carretela*, os *status* do cotidiano são suprimidos. Categorias como pertencimento a outro grupo étnico, religião, *status* social ou condição financeira desaparecem: *loro sono tutti italiani!*

Os que se envolvem são aqueles que, de alguma forma, se empenham na tarefa de serem os atores principais da *Carretela*. Como foi dito, assumem uma italianidade que não existe por vias de fato, isto é, por pertencimento étnico. A etnicidade necessariamente se perde como exigência. É como Roger Bastide (1968, p. 11) descreveu a experiência performática de costureirinhas baianas, que, em meio ao transe propiciado pelos tambores do camdomblé, não eram mais costureirinhas, mas as próprias divindades vindas da África. Assim, brancos e negros, italo descendentes e polacos, ricos e pobres assumem sobre si a responsabilidade de incorporar as fantasias de imigrantes e do imaginário de seus descendentes.

Entre os que se envolvem, há também aqueles que, de algum modo, desejam tirar algum tipo de lucro financeiro com a venda de comidas típicas (ou não) e vinhos, além de água. Para eles, a continuidade da *Festa* é bem-vinda, não pelo significado ou pela *performance* apresentada. A sua atuação, contudo, tem uma função inesperada: enquanto eles visam ao lucro, isso exige que eles se adaptem, isto é, assumam de alguma forma elementos da etnicidade italiana (re)criada – enfeitar sua lojinha improvisada com o *tricolore* ou qualquer outro tipo de enfeite que remeta à festa. Sem querer, a *Festa* condiciona o participante interessado no lucro a se caracterizar e carnavalizar-se, fazendo-o entrar no ritmo imposto por ela.

Os que observam

Os que observam são, em sua grande maioria, turistas que sobem a serra capixaba para desfrutar da culinária, dos vinhos e do clima. Enfim, têm interesses diferentes dos daqueles que desfilam e participam do desfile. Eles querem festa. O que chama a atenção deles é a brincadeira que envolve toda a *Festa*, especialmente na *Carretela*.

Existem também aqueles que, por razões religiosas, econômicas ou mesmo ideológicas, não se interessam pelas festividades. Como é o caso de uma professora do ensino médio que relatou que a ideia original da festa foi perdida, dando lugar a questões financeiras, sem falar na sujeira espalhada pela cidade. No entanto, há que levar em conta que mesmo nos casos em que as pessoas não se interessam pelo que acontece durante a *Festa* ou a *Carretela*, o drama social não deixa de impor sua execução sobre aqueles que procuram distanciar-se dela – evidentemente, quem deixa a cidade por causa da *Festa* o faz sob a influência dela.

La Carretela: rememoração, observação e êxtase

A *Carretela del Vin* é o fechamento de um evento que começara nove dias antes. De acordo com a proposta de Turner, ela representaria o *desfecho* do drama, no sentido de que as tensões existentes na sociedade são descarregadas por meio de manifestações alegóricas e entusiasmadas do grupo, como afirmou Dawsey (2005b, p. 165):

[As] estruturas sociais – entendidas, sob o signo da antropologia social britânica como conjuntos de relações sociais empiricamente observáveis – estão carregadas de tensões. Em determinados instantes, tensões afloram. Elementos não resolvidos da vida social se manifestam. Irrompem substratos mais fundos do universo social e simbólico.

A *Carretela del Vin* é um desfile que envolve grupos de danças folclóricas, grupos de terceira idade, associações diferenciadas, pessoas da comunidade que se organizam para representar o *drama da colonização*. O desfile começa e logo à frente seguem os representantes dos primeiros colonos, uma recuperação "do encontro dramático do italiano com a geografia selvagem brasileira, a luta de ambos e a vitória final do homem étnico sobre a natureza bruta e hostil" (PEREIRA, 2000, p. 33). Homens e mulheres, meninos e meninas, jovens e velhos, todos encarnam a saga de seus ancestrais, ora de um modo que poderia ser chamado de "realista", ora de um modo típico, isto é, de uma impressão idealizada de como é que deveria ser (GEERTZ, 2001).

O primeiro grupo é simbólico dos primeiros colonos, o qual carrega instrumentos, peças e ferramentas que teriam sido trazidas de Trento ou mesmo comprados no Brasil, mas que

pertenceram aos colonos originais e pertencem às suas famílias. Uma herança que aponta não para o ganho financeiro, mas alcança o campo simbólico, tal como fosse um cordão umbilical que o liga de algum modo à sua italianidade. Nesse grupo, traz-se uma réplica da *Casa dos Lambert*, a primeira casa construída na colônia de Santa Teresa. Construída com uma técnica de estuque, isto é, uma estrutura de madeira com paredes recobertas com um barreado que pode levar alguma espécie de aglutinante, como o gesso, sua construção é de aproximadamente 1876.

Em seguida, vários grupos de danças folclóricas italianas se apresentam seguidos da banda do *Circolo Trentino* da cidade. Entre as apresentações, carros ornamentados trazem as princesas da *Festa* que recebem o nome de Garotas Ítalo-teresenses – por conta desse título, são excluídas meninas sem ascendência italiana e que não sejam nascidas na cidade – que acenam para um público que atentamente observa, fotografa e aplaude os que estão no desfile. Alegoricamente vestidas, nem de longe lembram as primeiras imigrantes, que com vestidos simples, lenço na cabeça e calos nas mãos trabalhavam em seus sítios, enquanto cuidavam dos filhos. Um contraste marcante de uma sociedade que se formou entre suor e muito trabalho.

Usando uma expressão não muito acadêmica, na *Carretela* a realidade é sacaneada pelo grupo, já que, entre risos, fotos e músicas, o vinho é distribuído gratuitamente aos que observam – segundo informações, aproximadamente cinco mil litros de vinho foram comprados de vinícolas da região para esse propósito –, mas também outras tantas garrafas são vendidas e consumidas. Seguindo a ideia do *pannis et circus*, na *Carretela* o que se apresenta é um conceito de *vindemiae et circus* – afinal de contas, é *A Carreata do Vinho* – vinho e *performance* que impedem a reflexão dos que observam, tornando turva a visão daqueles que olham o espetáculo em sua beleza, mas não contemplam o sentido social contido nele, fazendo sentido o comentário de Dawsey (2005b, p. 23):

Para captar a intensidade da vida social é preciso compreendê-la a partir de suas margens. Trata-se de um olhar atento e de uma abertura calculada, tal como o cálculo de um risco, do antropólogo em relação aos movimentos surpreendentes das sociedades que, ao recriarem cosmos a partir de elementos do caos, brincam com o perigo e sacaneiam a si mesmas.

Os apontamentos feitos a partir de Borges Pereira (1974) e Dawsey (2005b) corroboram, então, uma tese defendida neste ponto do artigo: a *Carretela*, como qualquer outra manifestação étnica, seja de caráter carnavalesco ou dramático, seja no sentido mais comum do termo, sempre será caracterizada pela supervalorização das qualidades do grupo em relação aos demais grupos étnicos, sendo esse momento uma espécie de recriação do ordenamento do grupo, de suas grandes conquistas ou de qualidades que devem ser enfatizadas

por ele⁵. Com um risco calculado é possível arriscar algumas afirmações acerca das características etnocêntricas presentes na *Carretela*, como ápice da *Festa*⁶, visto que esse risco seria o reconhecimento direto e franco dos limites; como bem observou Geertz (2001, p. 127), é o que propicia tais pesquisas e afirmações que aqui serão feitas. Especialmente porque se trata de matéria suprimida e em tensão.

Assim, seria possível afirmar que, na *Carretela*, o etnocentrismo italiano se aflora como não poderia fazê-lo noutro momento. Do início ao fim da *performance* da *Carretela*, ao menos três discursos são feitos em termos simbólicos: *Nós que conquistamos; nós que construímos; e nós que somos a razão da Festa*. O primeiro discurso afirma uma realidade aparentemente inquestionável: a conquista italiana da região. Aparentemente, porque os italianos não se constituíram o único grupo étnico a se alojar naqueles rincões da serra capixaba, onde atualmente está localizada Santa Teresa. Para lá também foram poloneses e alemães católicos, pomeranos e alemães protestantes, além de brasileiros. Um exemplo muito simples é o fato de os exportadores do café produzido em Santa Teresa e despachados para o Porto de Vitória não serem italianos, mas *tedeschi*, como J. Reisen (luxemburguês), C. Müller (alemão) e Vervloet (belga) (GASPARINI, 2008, p. 77). Obviamente que as famílias italianas estavam no início da cadeia produtiva – seria uma espécie de idealismo a supervalorização do trabalho braçal –, já que numa cadeia produtiva, que é feita por elos interdependentes, todos ocupam seus lugar e funções e se auxiliam (não sei se essa afirmação também não seria idealista). O fato é que a conquista e ordenação do caos no Núcleo Timbui (nome inicial de Santa Teresa) não foi necessariamente italiana, mas a percepção que se tem a partir do pensamento coletivo de uma maioria – nesse caso, italiana –; o discurso inicial verificado na *Carretela* se confirma para aqueles que fazem parte dessa maioria.

O segundo discurso é semelhante ao primeiro, mas com um diferencial: a ideia de construção assumida aqui se trata de algo material. Essa materialidade pode ser observada no conjunto arquitetônico do município, uma espécie de reprodução daquilo que fora deixado na Itália, como muito bem observou Gasparini (2008, p. 126-127)⁷:

5 - Um exemplo de uma manifestação em nível nacional do etnocentrismo seria o *Thanksgiving* norte-americano, enquanto o Brasil não disponha de uma representação em comum. Mesmo que o quadro pictórico do *Thanksgiving* seja os "pais peregrinos" juntos à mesa repleta de alimentos com centralidade ao *turkey* – o peru – e os índios coparticipando do quadro. O que de fato é representativo é a conquista dos "países" do universo selvagem e caótico da Nova Inglaterra. Para tanto, Deus teria sido o auxiliador por excelência e os índios coadjuvantes, mas os conquistadores eram os brancos.

6 - Apenas para situar o leitor, o articulista entende etnocentrismo conforme definido por Rocha (1988, p. 7): "Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como o centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência".

7 - Na parte III de seu livro, Sandra Gasparini (2008, p. 38) apresenta por meio de fotografias essa construção artificial do ambiente italiano em terras teresenses, bem como a demonstração de similaridades entre certas ruas de Santa Teresa e Monteforte D'Alpone, na Itália.

Os imigrantes, principalmente os trentinos, tinham conhecimento de como morar nos vales e montanhas e mantiveram esses hábitos; [...] os imigrantes italianos tiveram grande capacidade de assimilação unindo o seu conhecimento, as construções da nova terra e as possibilidades de materiais existentes, principalmente os da natureza.

Talvez não seja sem motivo que a *Casa dos Lamberti* tenha se tornado simbólica da construção de um espaço arquitetônico e de dominação do espaço natural, que não apenas articula o modo como o centro urbano deveria ser erguido, mas também na afirmação simbólica do pertencimento de uma maioria étnica em relação ao espaço. Assim, uma viagem pelas cidades capixabas – o Espírito Santo recebeu uma grande leva de imigrantes italianos em seu território, sendo possível encontrar seus descendentes por todo o Estado – demonstraria essa marca da influencia étnico-italiana na urbanização, como também no meio rural. A questão parece, primeiramente, ser o apego às tradições e técnicas construtivas herdadas dos antepassados, mas também o fato de que os imigrantes italianos constituíram-se no maior grupo étnico entre os demais. Agrega-se a esses dois fatores a questão do isolamento de Santa Teresa em relação aos demais centros de colonização e cidades do Estado, que, no século XIX, ficavam mais ao litoral e sul do Estado.

Decerto, o terceiro discurso, implícito na *Carretela*, é o único inquestionável, uma vez que a *Festa do Imigrante Italiano* tem a pretensão de enaltecer a imigração italiana, *punto i basta*. Contudo, é preciso considerar que aquilo que se observa no desenvolvimento histórico nem sempre é algo de fácil interpretação, necessitando de certo distanciamento e habilidade para fazê-la, como bem expressa Benjamim (1996, p. 225):

Os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. [...] Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. [...] [O pesquisador os] contempla com distanciamento.

Os italianos e seus descendentes afirmam nesse desfile lúdico a vitória sobre aqueles que dominavam antes deles. Sob os passos e as rodas dos carros e caminhões, ficam os brasileiros e portugueses, os outros imigrantes, os negros e os índios. Eles não se entregaram àqueles que poderiam dominá-los, nem às dificuldades impostas pela geografia e diferenças apresentadas. No escovar a contrapelo a trama da sua história, é possível ver que sorrisos e festas seriam o bálsamo para a dor vivida no passado.

Por esse lado, não seria tão difícil afirmar que a primeira imagem refletida no espelho de Turner é o desejo de autoafirmação e de superioridade étnica. Isso faz que esse autor se

lembre de uma declaração feita por uma camponesa italiana ao professor Borges Pereira (1974, p. 53), que algo de que ela mais sentia falta era a carne de vitela que comia na Itália, uma vez que no Brasil só se comia carne de boi velho. Pressupõe-se aqui uma superioridade da carne italiana à carne brasileira. No entanto, como observado por Borges Pereira (1974, p. 53), "a carne esteve sempre além de suas possibilidades econômicas, e como tal era um alimento altamente desejado, mas raramente obtido". O consumo diário de carne pelos italianos de Pedrinhas só se tornou possível na imigração; contudo, as idealizações da realidade italiana criaram nessa colônia italiana de São Paulo uma percepção de *egocentrismo étnico*.

Isso poderia ser um exemplo bem simples do que seria esse *etnocentrismo frustrado*, permitindo um termo um tanto quanto freudiano. Por várias questões, sentimentos desse tipo foram rejeitados pela sociedade brasileira – o período do *Estado Novo*, por exemplo, gerou uma espécie de envergonhamento, especialmente quando da Segunda Guerra Mundial, o que fez que esses sentimentos, no caso de Santa Teresa, fossem suprimidos por força de lei, fossem abafados no indivíduo, criando nele *tensões* (cf. FREUD, 1988, p. 98):

Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo.

Desse ponto de vista, a "Festa do Imigrante Italiano de Santa Teresa" tem esse poder de descarregar tais frustrações, mesmo que inconsciente, dos indivíduos que dela participam. Questões mais profundas acerca dessa afirmação exigiriam outro momento, mas, por ora, é compreensível, dentro do ponto de vista tanto de Freud como de Turner, que esse momento carnavalesco presente na *Carretela* torne-se possível para se dar conta da vida social, visto que os papéis foram suprimidos e as máscaras retiradas ou colocadas, dependendo da perspectiva; as tensões que estavam, então, aprisionadas vêm à tona e se mostram, mesmo que seja por meio alegóricos. Corroborando essas considerações, Dawsey (2009, p. 352) afirmou que, em situações como essas, as tensões de um grupo afloram e os "elementos não resolvidos da vida social se manifestam. Irrrompem substratos mais fundos do universo social e simbólico". A *Festa*, como um todo, ganha um fluxo de toda a tensão da sociedade suprimida que por meio dela será liberada.

Não somente o etnocentrismo italiano assume lugar na *Carretela*, como também o desejo de reconhecimento tem lugar. Como foi descrito aqui, Fredrick Barth (1998) considerou entre as várias formas de definir um grupo étnico a partir do fato de se autoconhecer como tal, mas também como ser reconhecido pelos outros, isto é, dos de fora do grupo tal como eles se reconhecem a si próprios. Se num primeiro momento a *Carretela* torna-se um elemento de alívio de tensões sociais que no cotidiano seria reputado como imoral – o etnocentrismo pode

ser considerado pelo outro como uma espécie de presunção – mas que na verdade torna-se uma autoafirmação dos traços étnicos do grupo, num segundo momento, poder-se-ia dizer que a *Carretela* auxilia na compreensão ou identificação do grupo italodescendente como grupo étnico diferenciado.

Isso, em princípio, parece um tanto artificial. Mas o que dizer de um grupo que se aculturou de tal forma, embora não exista aculturação absoluta, que nem ao menos traços somáticos podem ser considerados como elementos de diferenciação (cf. WILLEMS, 1950, p. 55)? A afirmação étnica, nesse caso, funcionaria de duas maneiras: autoidentificação e identificação pelo outro. No primeiro caso, isso é facilmente identificado, usando uma expressão do senso comum, na preservação dos traços culturais italianos. No segundo caso, isso se verifica no apontamento marcante de que muitos que ali estão não são do grupo, mesmo que desfilem. Algo já comentado é a cena de um adolescente negro que participava de um grupo de dança folclórica. Num primeiro momento pensa-se que é uma forma de inclusão, ou não segregação, mas no instante que segue isso cria um embaraço – nem se considera o fato de ser um mestiço (mulatos com sobrenome italiano há aos montes em Santa Teresa). Entretanto, os marcadores de diferença são estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Carretela del Vin* é mais uma daquelas manifestações culturais de um grupo étnico que, nas últimas décadas, parece ter sido despertado de uma longa letargia e que tem procurado um lugar ao sol. Como essa *Festa*, muitas outras são encontradas na região, que enfatizam desde uma etnia dominante, como também aquelas que celebram a pluralidade étnica da região.

Sob a temática de recuperação cultural – ao bem próprio do senso comum –, toda uma saga é encenada, mesmo que inconscientemente; todo um discurso etnocêntrico é proferido; mas também toda a revolta de um grupo é intensamente despejada contra o destino. Seja ele um sentimento ou uma entidade, ele é espezinhado pelos descendentes daqueles que passaram fome, frio, que deixaram família e atravessaram o oceano, em busca de uma oportunidade. A *performance* desse drama tem fim, um fim etílico – é a proposta da festa –, mas terminam também *etilizados* pela alegria comum aos vencedores, não de uma batalha, mas de uma guerra.

A reagregação é harmônica. À medida que os sons diminuem, as pessoas se recolhem, as ruas são limpas, a *ressaca*, não apenas da bebedeira, mas também de euforia, começa a alcançar cada um, a vida em Santa Teresa volta ser pacata e simples. As princesas estão aí, mas não precisam mais encenar ou acenar, nem elas nem ninguém. Todos se *reabrasileiram* e voltam à sua vida comum, entretanto com o coração de alguém que conquistou o direito de dizer: *Il sono italiano!*

La Carretela del Vin: identity and performance in a demonstration of Italian descent in a capixaba country town

Abstract – The present article is a describe and analysis with anthropological character a moment of a folkloric party called "Italian Immigrant's Party", that happen in Santa Teresa a city of state of Espírito Santo, in Brazil, in a old colony to Italian immigration. In this text, searches to describe the cultural elements that form an ethical identity that work as motor of the whole party, as well as world-view, that contributes for continuity of cultural elements originating in Italy. In same time, pretends to make an anthropological analysis of performance that takes place in last day of party, in parade as a Brazilian Carnival, called *La Carretela del Vin*, that is a allegoric narrative of conquest e maintenance of actual order.

Keywords: social drama, performance, italianity, carnival party, ethnic.

REFERÊNCIAS

- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J.-L. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- BASTIDE, R. *O candomblé na Bahia*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.
- BENJAMIM, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIM, W. *Obras Escolhidas*, volume 1 – magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CUNHA, M. C. da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CUNHA, G. P. *Religiosidade e protestantismo*. São Paulo: Reflexão, 2012.
- DAWSEY, J. C. O teatro dos "bóias-frias". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2005a.
- DAWSEY, J. C. Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 13, p. 163-176, 2005b.
- DAWSEY, J. C. Por uma Antropologia Benjaminiana: repensando paradigmas do teatro dramático. *MANA*, v. 2, n. 15, p. 349-376, 2009.
- FLANDRIN, J.-L.; MONTANARI, M. (Org.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998.
- FREUD, S. O mal-estar da civilização. In: FREUD, S. *Edição standart das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. XXI.

- GASPARINI, S. *Santa Teresa: viagem no tempo*. Santa Teresa: [s. n.], 2008.
- GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.
- GROSSELI, R. M. *Colonie Imperiali nella terra Del caffè*. Edizione a Cura della Prinvincia Autonoma de Trento. [S.l.: s.n.], 1982.
- PELLON, B. A teoria do contorno no estudo da emoção em música. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 4., 2008. *Anais...* Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/downloads_anais/SIMCAM4_Bernardo%20Pellon.pdf>. Acesso em: 13 set. 2010.
- PEREIRA, J. B. B. *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- PEREIRA, J. B. B. Perfis de italianidade no Brasil. In: CHIARINI, A. M. et al. (Org.). *Anais do VIII Congresso acional de professores de Italiano & II Congresso Internacional de Estudos Italianos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. v. 1.
- PEREIRA, J. B. B. *Religare: identidade, sociedade e espiritualidade*. São Paulo: All Print, 2005.
- ROCHA, E. P. G. *O que é etnocentrismo?* 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Primeiros Passos, v. 124).
- SACROSANCTUM CONCILIUM. In: Documentos do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2001.
- TURNER, V. Images and reflections: ritual, drama, carnival, film and spectacle in cultural performance. In: TURNER, V. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- WILLEMS, E. *Dicionário de sociologia*. Porto Alegre: Globo, 1950.